

Gurias Coloradas: representações do futebol feminino do Sport Club Internacional nas páginas da revista *Placar* (1980-1990)

Gurias Coloradas: representations of women's football at Sport Club Internacional in the pages of *Placar* magazine (1980-1990)

Maria Karolinne Rangel de Mello

Universidade Federal de Minas Gerais, EEFFTO, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Estudos do Lazer, UFMG
karolmello2012@gmail.com

Scarlleth Bianca de Oliveira Souza

Universidade Federal de Minas Gerais, EEFFTO, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Estudos do Lazer, UFMG

Silvio Ricardo da Silva

Universidade Federal de Ouro Preto, Escola de Educação Física, Ouro Preto/MG, Brasil
Doutor em Educação Física, UNICAMP

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender a representação do futebol feminino do Sport Club Internacional, pela revista *Placar*, entre as décadas de 1980 e 1990. A pesquisa também se ampara nos estudos sobre gênero e construções sociais, partindo dos conceitos teóricos de Gayatri Spivak, Joan Scott e Nancy Fraser. O estudo analisa o contexto de surgimento da equipe e os desafios enfrentados pelas jogadoras dentro e fora de campo. Esse contexto também evidencia a recorrente abordagem da mídia ao sexualizar as jogadoras de futebol, deslocando o foco das suas habilidades esportivas. A análise das representações dessas jogadoras nas páginas da *Placar* possibilita compreender e refletir sobre as suas vivências, reivindicações e resistência no futebol feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol feminino; Sport Club Internacional; Revista *Placar*; Luta por reconhecimento.

ABSTRACT: The objective of this study is to understand the representation of women's soccer at Sport Club Internacional in *Placar* magazine between the 1980s and 1990s. In addition to analyzing the mechanisms used by the media, the study seeks to articulate the study with studies on gender and social constructions, based on the theoretical concepts of Gayatri Spivak, Joan Scott and Nancy Fraser. The study analyzes the context in which the team emerged as well as the challenges that marked its trajectory. The challenges observed allow us to reflect on the aspects of women's subordination in the context of soccer, facing obstacles on and off the field. This context also reveals the media's approach to promoting the sexualization of soccer players, shifting the focus from their sporting abilities. The analysis of the experiences of these players in the pages of *Placar* allows us to understand and reflect on the experiences, demands, struggle and resistance of the players of Sport Club Internacional.

KEYWORDS: Women's football; Sport Club Internacional; *Placar* magazine; Struggle for recognition.

INTRODUÇÃO

Para compreender as lutas do futebol feminino no Brasil, é preciso revisitar sua história, marcada por injustiças. Os primeiros relatos do futebol feminino no país datam de 1920, sobre uma partida descontraída entre moças da elite. Mas Bonfim¹ e Gomes e Marchi Júnior² apontam registros desse futebol em 1915, associado a crescente presença feminina na sociedade. Para Bonfim, as festas esportivas dos clubes foram importantes para a inserção das mulheres no futebol.

Embora iniciado como um simples jogo, o envolvimento das mulheres causou estranhamento. Com isso, elas acabaram permanecendo nas arquibancadas, torcendo por seus companheiros ou familiares. Anos depois, esses jogos voltaram a ocorrer com a criação de alguns times, causando indignação social. Os jornais do país divulgavam os perigos dessa prática esportiva.³

A imprensa da época reproduzia o preconceito de gênero. O jornal *O Imparcial*, destaca: “A mulher que joga football, além de perder o encanto de suas formas, adquire outro sexo. Deixa de ser mulher e não se transforma em homem”.⁴ A ideia de que a mulher que joga perde o “encanto” e “adquire outro sexo” reflete um discurso que associa a feminilidade a padrões rígidos, ameaçados pelas práticas esportivas consideradas “masculinas”.

O tabu sobre o futebol feminino se refletia no campo midiático e na esfera política. Em 1940, uma carta de José Fuzeiro ao presidente Getúlio Vargas pedia a proibição dessa prática no Brasil, ressaltando a preocupação com a natureza da mulher, uma vez que “estariam abandonando suas funções naturais para invadirem o espaço dos homens”.⁵ Em 1941, o Conselho Nacional de Desportos decretou a proibição do futebol feminino, que continuou ocorrendo ilegalmente. O movimento social feminista aliados à luta pela participação das mulheres nos diversos espaços “ecoaram no interior do universo esportivo”.⁶

¹ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, 2019.

² GOMES; MARCHI JÚNIOR. Os primórdios do futebol feminino no Brasil, 2024.

³ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”?, 2005.

⁴ O IMPARCIAL. Edição n. 1723, p. 4, jan. 1941.

⁵ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”, p. 331.

⁶ RAMOS. *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul*, p. 55.

De 1970 a 1990, surgiram esperanças para o futebol feminino com sua legalização. Criou-se times dedicados à modalidade, como o Sport Club Internacional. Destaca-se Alayde Fagundes, líder do departamento de futebol de mulheres do Internacional, em 1940, sendo também responsável pela criação da primeira torcida colorada.

Além disso, a representatividade feminina no Sport Club Internacional remonta à trajetória de Maria Von Ockel, que, em 1918, tornou-se não apenas a primeira mulher a se associar ao clube, mas também a primeira mulher a se tornar sócia de um clube de futebol no Brasil.

Assim foram analisados materiais sobre o time na *Placar* dos anos oitenta e noventa. Publicando 652 edições na época pesquisada, foram analisadas nove: 701, 718, 726, 738, 763, 783, 820, 1115 e 1119. Criada em 1970, pela Editora Abril, a *Placar* se consolidou como a revista esportiva de maior circulação no país, tendo um perfil editorial fortemente masculinizado, em sua linha editorial e nas representações que produziu.⁷ Também se destaca a discrepância entre os acervos dedicados ao futebol masculino e ao feminino. Como aponta Ramos, “sobre o futebol jogado por homens existe vasto material publicado em revistas acadêmicas, livros e capítulos de livros, tema que é tratado a partir de diversos enfoques. E, em contraponto, sobre o futebol de mulheres, pouco se produz, registra e publica”.⁸

Assim, busca-se responder à questão: como o futebol feminino do Sport Club Internacional foi representado por revistas esportivas renomadas, sobretudo pela revista *Placar*, nos anos 1980 e 1990? Parte-se da hipótese de que as jogadoras foram retratadas de maneira estereotipada, com ênfase em atributos físicos e estéticos, em detrimento de suas habilidades esportivas.

Vimieiro, Eugênio e Souza destacam a análise de Salvini e Marchi Júnior sobre a *Placar* nas décadas de 1980 e 1990, que mostra como a revista representava o futebol feminino como aceitável a partir de uma lógica binarista e heteronormativa, recorrendo à objetificação do corpo das jogadoras para reafirmar sua feminilidade,

⁷ SALDANHA. *Placar e produção de uma representação de futebol moderno*, 2009.

⁸ RAMOS. *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul*, p. 17.

representadas nas capas e reportagens publicadas nos anos 1990.⁹ Essa postura editorial reflete um campo esportivo marcado por desigualdades de gênero e por mecanismos simbólicos de exclusão.

Nas investigações de Salvini e Marchi Júnior (2016) da revista *Placar* durante três décadas (1980–2010), evidenciam tensões entre visibilidade, gênero e profissionalização, ponderando que “a revista se esforça para apresentar jogadoras em poses ou ações que lembrem a normatividade de gênero”.¹⁰

Este trabalho adota o conceito de futebol de mulheres como uma alternativa ao termo futebol feminino, que tende a reforçar uma perspectiva normativa e hegemônica de gênero, colocando-o como a outra face do futebol masculino. Esse conceito busca destacar a presença e o protagonismo das mulheres na prática futebolística, sem reduzi-las a uma categoria homogênea ou a um grupo que “possui” esse futebol de maneira exclusiva. Pelo contrário, trata-se de um universo complexo e heterogêneo, permeado por interações entre diferentes classes, etnias e gêneros. Assim, a escolha terminológica é política e valoriza práticas esportivas dissonantes, rompendo com análises que adaptam o modelo do futebol masculino, “ampliando o entendimento sobre a proeminência e o protagonismo de mulheres”.¹¹

A abordagem do futebol feminino é utilizada a partir dos dois conceitos ao longo do trabalho, respeitando a proposta crítica do futebol de mulheres e a terminologia historicamente empregada reconhecendo as transformações na representação da presença feminina no futebol. Amplia-se a compreensão para a representação do futebol feminino do Sport Club Internacional pela revista *Placar* no recorte apresentado. Sobretudo, as formas de resistência protagonizadas pelas mulheres e os discursos que estavam em circulação.

⁹ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990, 2013.

¹⁰ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Registros do futebol feminino na revista *Placar*: 30 anos de história, p. 99.

¹¹ KESSLER. *Mais que barbies e ogas*, p. 33.

“PODE O FUTEBOL DE MULHERES LUTAR?”

A chegada do futebol ao Brasil foi marcada por distinções de classe e elitização, sendo inicialmente restrito a homens brancos de classe alta.¹² No futebol feminino, esses desafios foram mais acentuados. A edição de nº 738¹³ expõe a precariedade estrutural que marca o futebol feminino, abordando a falta de investimentos, financiamento e remuneração das jogadoras. Dessa forma, é necessário levantar o questionamento de Scott: “por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que saibamos que elas participam de grandes e pequenos eventos da história humana?”.¹⁴

Desde que começaram a ocupar os espaços esportivos, as mulheres têm enfrentado desafios, marcados, sobretudo, pela desigualdade de gênero, moldadas pelos valores e contextos socioculturais de cada época.¹⁵ Como apresentado por Goellner e Kessler, alguns dos desafios são:

A escassez de campeonatos, o pouco espaço na mídia, a ausência de equipes nos principais clubes, o pouco incentivo para a prática do futebol pelas meninas na educação física escolar e nos espaços de lazer, entre tantas outras situações, indicam o quanto no Brasil o futebol praticado por mulheres se apresenta sub-representado.¹⁶

Fraser propõe que as injustiças de gênero não podem ser compreendidas apenas pela distribuição econômica desigual, mas também como desrespeito cultural e simbólico. O futebol feminino, nesse contexto, foi marcado por um regime de reconhecimento que inferiorizava e desqualificava as atletas, por sua condição de gênero e por sua intersecção com questões de classe e raça, eixos centrais de exclusão. A autora pontua que “o que está em jogo não é apenas uma redistribuição de recursos, mas a superação de padrões culturais que impedem o reconhecimento pleno”.¹⁷ Um exemplo deste problema pode ser visto em uma entrevista com a joga-

¹² BROCH. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero, 2021.

¹³ PLACAR. Edição n. 738, 1983.

¹⁴ SCOTT. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, p. 93.

¹⁵ BROCH. Histórico do futebol feminino no Brasil, 2021.

¹⁶ GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 33.

¹⁷ FRASER. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista, p. 28.

dora Nini Baciega do CATS (Clube Atlético Taboão da Serra), em 2020. Essa entrevista viralizou nas redes sociais após seu time perder de 29x0 do São Paulo, no campeonato paulista. Nini ressalta a desigualdade de incentivos entre times que participam de campeonatos estaduais:

Ninguém tem salário, ninguém tem condução, a gente não tem roupa de treino, a gente não tem apoio nenhum do clube. Usamos o nome do clube, infelizmente, para participar do campeonato paulista, pois a gente acredita que é uma oportunidade das meninas mais novas.¹⁸

A desqualificação de gênero é vivenciada pelas jogadoras e pelas mulheres árbitras, comentaristas de futebol, comissão técnica e, inclusive, torcedoras. Compreender a questão do gênero no futebol é importante para entender por que a modalidade feminina ainda permanece ofuscada pela masculina, apesar dos avanços recentes.

Martins, Silva e Vasquez, em análise com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, demonstram a desigualdade na prática do futebol. Entre os praticantes, 94% são homens e apenas 6% das mulheres praticam esse esporte.¹⁹ Essa disparidade reflete uma série de fatores históricos, culturais e estruturais, em que devem ser analisada, a partir da interseccionalidade, considerando como diferentes marcadores sociais, gênero, raça e classe, interagem e produzem experiências distintas para as mulheres no esporte.

Apesar disso, as mulheres resistem e lutam por um esporte mais igualitário, com oportunidades para todas, buscando um reconhecimento que extrapola as quatro linhas. O exemplo de Nini é um dos muitos que dão voz ao esporte, porém o discurso costuma ser o mesmo: denunciar todas as faltas que persistem em sua infraestrutura. Ainda assim, nem sempre suas vozes são ouvidas, especialmente pela falta de visibilidade na mídia. Isso evidencia um desafio central: como garantir espaços reais de escuta e representação? Não basta apenas falar, é preciso criar condições para que essas vozes ganhem corpo e reconhecimento.²⁰

¹⁸ FUTEBOL FEMININO É ARTE, Nini, capitã do Taboão da Serra, que perdeu por 29 x 0 para o São Paulo no Paulistão feminino, Youtube, 2020.

¹⁹ MARTINS; SILVA; VASQUEZ. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil, 2021.

²⁰ SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, 2010.

Essa questão é vista no trabalho de Spivak, *Pode o subalterno falar?*. Nele, a pesquisadora propõe implementar um novo olhar sobre o entendimento do mundo contemporâneo e suas articulações. Nesse processo, tem-se a necessidade de reescrever as histórias e o lugar de representação dos indivíduos subalternos que seriam, segundo a autora: “As camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.²¹

Ao questionar onde estaria tal oportunidade diante de um ambiente opressor e o papel destinado aos representantes da população marginalizada, a autora demonstra dificuldade na representação de determinados indivíduos na sociedade diante das diversas desigualdades existentes. Pensando sobre a possibilidade de a mulher subalterna falar, a autora questiona se os discursos dominantes permitem que as mulheres fora dos centros hegemônicos sejam ouvidas em seus próprios termos. Aplicada ao futebol feminino, essa reflexão ajuda a compreender como as atletas são representadas por narrativas mediadas pelo olhar masculino, que silenciam suas experiências e as enquadram em estereótipos de gênero.

Dessa forma, as jogadoras estariam em um mundo marcado por relações sociais baseadas no gênero, que estruturam as relações de poder existentes nas organizações que se desdobram em afirmações da dualidade feminino x masculino.²²

Fraser²³ dialoga com a questão da injustiça econômica e cultural, marcadas pelas mudanças advindas na sociedade no final do século XX, impulsionando desigualdades que alteraram o cenário de demandas de diversos grupos na sociedade. Para a autora, essas duas noções de injustiça demandam reconhecimento e redistribuição, podendo ser requeridas juntamente.

Para exemplificar esse processo, Fraser demonstra com o conceito de coletividade bivalente que certas diferenciações em que se incluem, por exemplo, o gênero, necessitam de redistribuição no âmbito econômico-político, pressupondo: melhores condições de trabalho, rompimento de barreiras, onde o gênero seria tipo como um marco inferior, e outras explorações.

²¹ SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, p. 12.

²² SCOTT. *Gênero*, 1995.

²³ FRASER. *Da redistribuição ao reconhecimento?*, 2006.

Além disso, as diferenças de gênero demandam um reconhecimento cultural que buscaria remédios para problemas como: violência e exploração sexual; representações objetificadoras da mídia; assédio; exclusão na esfera pública e política, e, também, pressupostos de que algo seria masculino demais para as mulheres, que deveriam concentrar em coisas “femininas”.

Esse estigma de ser “coisa de homem” é presente em muitos esportes que demandam mais força e habilidade e, partindo disso, as mulheres não seriam capazes de exercê-lo. Além disso, esse aspecto foi sentido também nas arquibancadas, onde as mulheres eram detentoras do sexo frágil e, logo, aquele espaço era exclusivo para os homens. Ao vivenciar essas experiências, encontraram um espaço nada solicitado à sua presença, com regras e proibições que inviabilizaram o seu torcer. Como apresentado por Moraes,²⁴ algumas torcidas impõem restrições às mulheres, proibindo-as de tremular bandeiras ou ocupar cargos de liderança dentro da agremiação.

Na Copa Feminina de 2018, a jogadora Marta levou essa luta para os gramados e usou uma chuteira sem patrocínio e com a bandeira que simboliza a luta pela igualdade salarial entre homens e mulheres em todos os jogos que o Brasil participou.²⁵ Demandando reconhecimento não só dentro do futebol feminino, mas também na sociedade como um todo. Lutas contra assédio no campo, nas arquibancadas e fora deles marcam ações realizadas pelas mulheres dentro do futebol. Dessa forma, o futebol pode ser percebido como um ato político, visto no relato das denúncias e também em outros fortes depoimentos que evidenciam sua luta por reconhecimento.

Dentro da esfera econômica-política, as demandas seriam próximas a questões de reconhecimento. Primeiramente, foi visto que muitas mulheres participam de campeonatos sem mesmo receber por isso, vivendo, assim, em uma jornada dupla de trabalho, pois muitas mulheres, além de jogarem profissionalmente, estudam, trabalham para completar a renda e exercem a maternidade. É preciso ressaltar também as categorias de base, em que os clubes deveriam garantir alojamento, alimentação e educação. Logo, são necessários mais investimentos dos clubes nas equi-

²⁴ MORAES. *As torcedoras querem (poder) torcer*, 2019.

²⁵ SILVA. Marta opta por jogar sem patrocínio e carregar recado em chuteira, *UOL*. 14 jul. 2019.

pes e, principalmente, na base. Maiores investimentos representam maior visibilidade, permitindo que meninas sigam seus sonhos no futebol com acesso a centros de treinamento de qualidade e à garantia de todos os seus direitos enquanto atletas.

SPORT CLUB INTERNACIONAL

O futebol de mulheres do Sport Club Internacional é parte fundamental da história do clube e da luta feminina por espaço no futebol gaúcho. Segundo Lima e Hecktheuer, “a relação das mulheres com o futebol, dentro do clube, vem sendo construída há muitos anos”, mas marcada por “descontinuidades”, especialmente dentro das quatro linhas.²⁶

A primeira equipe a que se tem registro formou-se em 1983, com base no time Pepsi Bola de Porto Alegre, e já no ano seguinte realizou a primeira seletiva para formar a equipe adulta. Porém, como não existiam categorias de base na época, as equipes eram compostas por mulheres adultas, e as mais jovens precisavam se adaptar e integrar esses times se quisessem jogar futebol.²⁷

O clube ofereceu uma estrutura básica e revelou atletas como Eduarda Luizelli, a Duda, que chegou à seleção brasileira. Cabe pontuar que, mesmo com estrutura básica e apoio inicial, o clube não custeava as viagens, ficando estas a cargo das atletas.

Apesar das conquistas, como o tricampeonato gaúcho e o terceiro lugar na Taça Brasil, de 1987, nos anos seguintes, houve uma diminuição dos campeonatos, enfraquecendo o futebol feminino e resultando na extinção do departamento feminino do Internacional. Segundo Suellen dos Santos Ramos, em sua dissertação intitulada *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)*, tal medida resultou na criação de uma equipe de futsal pelas jogadoras, As Bruxas, participando de torneios em todo o estado. Ao falar da história do time colorado, é necessário passar pela atuação de suas jogadoras no futsal, já que “não há como desvincular um do outro”.²⁸

²⁶ LIMA; HECKTHEUER. Sport Club Internacional: sobre o futebol de mulheres no clube do povo, p. 86.

²⁷ LIMA; HECKTHEUER. Sport Club Internacional, 2019.

²⁸ RAMOS. *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul*, p.66.

Uma das marcas do futebol das garotas coloradas, principalmente na década de 1980, foi Eduarda Marranghello Luizelli, a Duda, integrante da primeira equipe formada pelo Sport Club Internacional, quando tinha apenas 13 anos. Segundo Lima e Hecktheuer, “Duda marcou a trajetória do futebol de mulheres no Internacional enquanto jogadora, com passagens também pelo futebol italiano e pela Seleção Brasileira”.²⁹

Em 2004, novamente o departamento feminino foi desativado, principalmente por falta de apoio financeiro e competições. Em 2007, o Internacional estabeleceu nova parceria com a Duda, visando disputar a Copa do Brasil Feminina, parceria esta que se encerrou ao fim da competição.

Em 2016, teve início a uma nova fase para o futebol feminino do Sport Club Internacional, impulsionada pelas mobilizações de Duda e pelo surgimento de novas regulamentações relacionadas ao futebol feminino. No decorrer de 2017, o clube anuncia oficialmente a retomada do futebol de mulheres, marcado pela liderança de Duda como coordenadora técnica.³⁰

Salvini e Marchi Júnior, nos seus estudos sobre a *Placar*, refletem que o Internacional é citado como uma das potências emergentes do futebol feminino brasileiro durante os anos 1980. Mas ponderam que a cobertura da revista oscilava entre valorizar a performance esportiva e reforçar estereótipos de feminilidade: “as ‘garotas propaganda’ foram escolhidas mais pela beleza física [...] do que pela habilidade esportiva”.³¹

Diante disso, a história do time feminino do Internacional é contada a partir de lacunas e das lutas levantadas por suas jogadoras.³² O futebol feminino no Rio Grande do Sul passou por diversas transformações ao longo dos anos, sendo marcado pela criação da Seleção Gaúcha, no início dos anos 1990, para disputar a I Taça Havelange de Futebol, reunindo diversas seleções de todo país. Atualmente, é o maior vencedor do clássico Grenal, partida entre Internacional e Grêmio, contando com 10 títulos do Campeonato Gaúcho.

²⁹ LIMA; HECKTHEUER. Sport Club Internacional, p. 89.

³⁰ LIMA; HECKTHEUER. Sport Club Internacional, 2019.

³¹ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Registros do futebol feminino na revista *Placar*, p. 106.

³² RAMOS. *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul*, 2016.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este estudo é de natureza qualitativa, com enfoque na pesquisa documental e na análise do discurso. Baseia-se na análise da representação midiática, da revista *Placar*, entre os anos de 1980 e 1990, com foco no Sport Club Internacional.

A escolha pelo método qualitativo se justifica, conforme aponta Minayo,³³ pela valorização das experiências, contextos e pelas diferentes realidades sociais em que se constroem o fenômeno estudado.

A pesquisa é composta pela análise de nove edições da revista *Placar*, que abordam o Sport Club Internacional, selecionadas através de palavras-chave incluídas no canal de busca do acervo digital da referida revista.

A análise do discurso segue a perspectiva de Fairclough, na perspectiva de identificação das relações de poder e estereótipos de gênero,³⁴ que dialoga também com as contribuições teóricas de Spivak, Scott e Fraser.

Além da análise textual, também se observa como as imagens e enunciados atuam como ferramentas para a construção e reforço das diferentes representações das jogadoras de futebol do Sport Club Internacional pela revista *Placar*.

A análise foi estruturada com base nas seguintes palavras-chave analíticas: sexualização, objetificação, estereótipo, heteronormatividade, estética e competência técnica. Tais termos emergiram da leitura crítica das representações midiáticas nas edições da revista *Placar*.

“BELAS” E “CHARMOSAS”: AS GURIAS COLORADAS NAS PÁGINAS DA REVISTA *PLACAR*

A primeira menção ao Sport Club Internacional na revista ocorreu na edição nº 701,³⁵ publicada em 1983. Sob o título *A Bela e as Feras*, a matéria comparava jogadoras dos campeonatos Gaúcho e Carioca.

³³ MINAYO. *Pesquisa Social*, 2001.

³⁴ FAIRCLOUGH. *Discurso e mudança social*, 2001.

³⁵ PLACAR. Edição n. 701, 28 out. 1983.



Fig. 1 - Matéria *A bela e as feras*. Fonte: revista *Placar*, edição nº 701 (1983).

Na abertura da matéria, destaca-se a imagem da jogadora do Inter, Bel, seminua ao lado de uma bola dentro de campo. Além disso, ela posava de forma sensual, segurando uma rosa vermelha com a boca. Essa jogadora é comparada às musas da beleza, tendo suas medidas de altura, busto, cintura e coxas destacadas na reportagem, um tratamento incomum quando se observa a forma como os jogadores do futebol masculino são retratados.

A revista enfatizava sua aparência e sugeria que sua presença atraía mais torcedores aos jogos do Internacional: “A torcida do Internacional anda chegando mais cedo ao Beira-Rio. O motivo se chama Bel, tem 17 anos e brilha intensamente nas partidas preliminares, tanto na bola como na graça”.³⁶ Essa abordagem não apenas *sexualizava* uma adolescente, mas também reduzia sua participação no futebol ao seu apelo *estético*, em vez de valorizar suas habilidades esportivas.

Para mais, a revista tenta, de maneira falha, valorizar as habilidades da jogadora enquanto exalta sua aparência. Isso fica evidente na descrição de um lance em que afirma: “Ela balançou os quadris num movimento obrigatoriamente sensual para deslocar duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria”. Em seguida, a matéria destaca a reação de um famoso torcedor do clube, de 60 anos, que, ao presenciar o gol, exclamou: “Mata o velho, mata!”. A revista

³⁶ PLACAR. Edição n. 701, 28 out. 1983, p. 49.

ainda acrescenta um comentário que reforça a *objetificação* da atleta: “seu grito tinha um sentido maliciosamente dúbio: ao mesmo tempo em que comemorava mais um gol da equipe feminina do seu clube, Ambrósio festejava a beleza de sua autora, Isabel Araújo Nunes, 17 anos”.

Na página seguinte, a revista apresenta “as feras”, mas a utilização desse termo vai além de destacar as habilidades das jogadoras do futebol carioca. Ao exibir imagens de confrontos durante as partidas, a matéria reforça um *estereótipo* negativo ao afirmar: “Elas brigam também – e às vezes brigam feio, como na selvagem agressão ao juiz da decisão do Campeonato Carioca”.

Em contraste com a imagem da jogadora Bel, que é retratada de forma *sexualizada* e com sua beleza exaltada, a revista destaca a jogadora Sara, do Bangu, de maneira completamente oposta. Diferente da atleta gaúcha, Sara não conta com uma superprodução em sua foto, que aparece em preto e branco. Na imagem, ela surge séria, com o foco apenas em seu rosto e sua expressão.

É importante ressaltar que Sara é uma jogadora negra, de cabelo raspado, e sua imagem é associada justamente ao trecho que menciona a agressividade das mulheres no futebol. A revista reforça essa dicotomia ao compará-la com as “belas” jogadoras do Internacional, concluindo: “[...] resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter – e que as feras voltem às jaulas”. Diante disso, como afirmado por Martins, Silva e Vasquez, “tal narrativa enquadra as negras na chave da “bestialização”, por transgredirem as normas da feminilidade e da heterossexualidade compulsória”.³⁷

Na edição nº 738, publicada em 1984, a revista *Placar* trouxe uma representante do futebol feminino em sua capa. Durante o desenvolvimento da modalidade no país, após décadas de proibição, a jogadora Vandira, volante do extinto clube Pinheiros-PR, posou para a foto. O título da edição chama a atenção: “3.000 times e 45.000 mulheres em campo”, evidenciando o crescimento do interesse feminino pelo esporte.³⁸

³⁷ MARTINS; SILVA; VASQUEZ. As mulheres e o país do futebol, p. 6.

³⁸ PLACAR. Edição n. 738, 1983.



Fig. 2 - Capa da edição de nº 738 com a jogadora Vandira.
Fonte: revista *Placar*, edição nº 738 (1983).

A matéria intitulada *O charme da conquista*, publicada na edição nº 738³⁹ da revista *Placar*, em 1984, apresenta um retrato emblemático da forma como o futebol feminino era discursivamente construído pela grande mídia. A imagem central chama atenção ao colocar em destaque a jogadora Bel do Internacional e ao comunicar: “A grande musa do belo Inter”.

A matéria destaca a existência de 45.000 jogadoras em 3.000 times no Brasil, que lutam por reconhecimento e profissionalização. Também relata as dificuldades enfrentadas por atletas, como Sally, de 22 anos, que revela à revista: “eu pensava que era a única mulher que jogava futebol”, expondo a invisibilidade e as distinções de gênero observadas dentro do futebol. Apesar disso, o texto sugere que essa realidade mudou, afirmando que essas mulheres “gastam suor e talento atrás do ganha-pão, notoriedade e do prazer de tocar a bola rumo ao adversário”.

Na matéria, comenta-se ainda sobre a autorização legal que conquistaram do Conselho Nacional de Desportos, em abril de 1986, e pontuam que o futebol femi-

³⁹ PLACAR. Edição n. 738, 13 jul. 1984

nino, com sua matriz no futebol masculino oriundo da Inglaterra, “já é definitivamente uma graciosa realidade do futebol brasileiro”. Os termos “graciosa realidade” e “campeãs da beleza”, como observado, causam um efeito de deslocamento do foco do futebol feminino do profissionalismo para a *estética*.

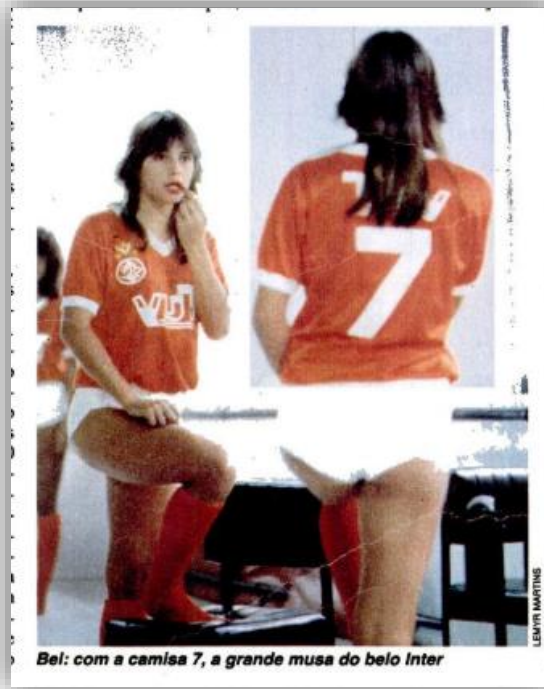


Fig. 3 - Bel na matéria *O Charme da Conquista*.
Fonte: Revista *Placar*, edição nº 738 (1985).

O redator também compara as reações da torcida no futebol masculino e feminino, destacando que, além de aplausos e vaias, as jogadoras recebem assobios, cartas e insultos, como os gritos de “sapatão”. Ao revelar que as jogadoras “aprenderam a desligar os ouvidos”, o discurso reforça as expectativas de feminilidade em relação à modalidade, além da *heteronormatividade*, evidenciando o que apontam os estudos de Vimieiro, Eugênio e Souza quando discorrem sobre a ideia de que os corpos das jogadoras “[...] ao não performarem aquilo que é esperado de seu gênero – sendo elas fortes, habilidosas e ativas –, são também interpretados como desviantes em termos de sexualidade”.⁴⁰

⁴⁰ VIMIEIRO; EUGÊNIO; SOUZA. Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil: narrativas do futebol feminino e algumas propostas, p. 11.

A matéria segue reforçando a valorização da feminilidade ao destacar que as jogadoras “[...] não têm os corpos deformados pelos exercícios físicos”, sendo descritas como detentoras de “beleza indiscutível”.⁴¹ Já o time é chamado de “campeão nacional da beleza”, enquanto sua habilidade técnica é minimizada com a afirmação de que o “currículo futebolístico é pouco mais que medíocre”. Esses trechos, mais uma vez, evidenciam a *sexualização* das jogadoras e o enfoque na *estética* das jogadoras. Vale refletir, por outro lado, que não se trata da “*sexualização* de qualquer corpo: é do corpo branco, e muitas vezes de mulheres loiras que destoam, em geral, das praticantes da modalidade”,⁴² como observável neste trecho da matéria, sobre a jogadora Bel, ponta-direita do time: “18 anos, olhos verdes, cabelos loiros e corridos, pernas lindas, presença exigida pelos promotores em qualquer jogo do internacional”.

A matéria expõe a precariedade estrutural do futebol feminino, destacando relatos de jogadoras com salários baixos, sem apoio para transporte e que, como Sally, não conseguiram concluir os estudos por falta de conciliação com os treinos. Recebendo apenas 45.000 cruzeiros e arcando com seus próprios custos, Sally ainda expressa esperança ao afirmar: “acredito muito que ainda vou ganhar bastante dinheiro com o futebol”.

A matéria evidencia a disparidade nos investimentos entre clubes de futebol feminino, revelando que equipes como o Radar recebiam até 6 milhões de cruzeiros de patrocínio, enquanto o Atlético Mineiro destinava 1,7 milhão mensais a materiais, salários, estrutura e moradia. Em contraste, os clubes do Rio Grande do Sul não ofereciam qualquer remuneração às jogadoras, e o Grêmio havia encerrado seu time feminino naquele período.

Após apresentar um panorama acerca da remuneração de jogadoras de futebol feminino de distintos times brasileiros, demonstrando um cenário em ascensão, o editor reflete que

⁴¹ PLACAR. Edição n. 738, p.24.

⁴² VIMIEIRO; EUGÊNIO; SOUZA. Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil, p. 12.

de qualquer maneira, a remuneração das jogadoras, que sonham com a profissionalização, ainda está muito longe do que ganham algumas estrelas de segunda linha dos shows e novelas da Rede Globo para perseguir a bola nos campos de futebol das mais variadas cidades do Brasil.⁴³

Revelando uma crítica pela falta de profissionalização no futebol feminino, ponderando que, apesar dos avanços, as jogadoras ainda recebem salários muito baixos.

A edição também aborda a preocupação com os corpos femininos no futebol, destacando a matéria “Cuidado com os seios”, que discute a medicina esportiva voltada às mulheres. Uma médica critica a atuação de leigos na modalidade e afirma que “a mulher pode adquirir resistência física para o futebol, desde que os exercícios não forcem uma estrutura óssea e muscular que é diferente do homem”. Já na coluna “A mulher, no futebol, igualará o homem”, Maria Cristina Gama Duarte contesta a comparação entre corpos masculinos e femininos, questionando: “não vale a pena questionar – em termos masculinos e tão machistamente competitivos – se as mulheres vão chegar à forma física igual ao do homem no futuro. Ou está-se pensando em formar times mistos?”.

Sobre essas últimas análises, cabe refletir que a revista se vale de *estereótipos* que historicamente associam o corpo da mulher à fragilidade, reforçando a visão limitadora que ainda vincula o corpo feminino a uma ideia de vulnerabilidade, em contraste com o corpo masculino, tido como naturalmente apto para o futebol. Por outro lado, a própria publicação oferece espaço para olhares críticos a essa lógica, como o da jornalista Maria Cristina Gama Duarte, que contesta diretamente a comparação entre homens e mulheres dentro de uma perspectiva competitiva e machista.

A edição nº 783⁴⁴ da revista traz uma entrevista com Maria Cristina Rosito, conhecida como “Morinha”, uma atleta que, segundo a publicação, já quebrou tabus em seis modalidades esportivas, incluindo o futebol, onde atuou como centroavante do time feminino do Internacional. Quando a matéria foi publicada, Maria Cristina estava iniciando sua trajetória de sucesso na Fórmula Ford, sendo a primeira mulher a vencer uma prova nessa modalidade.

O autor da reportagem, Lemyr Martins, destaca que a atleta é habilidosa, dedicada e tranquila, mas ressalta, de maneira questionável, que ela “não deixou a beleza de lado”. O texto menciona que Maria Cristina se maquiava antes das provas,

⁴³ PLACAR. Edição n. 738, 13 jul. 1984, p. 27.

⁴⁴ PLACAR. Edição n. 783, 24 maio 1985.

como se estar arrumada e ser uma competidora de alto nível fossem características incompatíveis. A matéria ainda compara a bolsa de maquiagem que ela carregava consigo a uma caixa de ferramentas masculina.

Na edição nº 820⁴⁵ da revista *Placar*, publicada em 1986, o título da matéria sobre o futebol feminino do Internacional também chama atenção pela escolha das palavras: “As belas e a velha fera”. A analogia ao conto clássico *A Bela e a Fera* reforça o enquadramento das jogadoras como objetos de beleza em contraste com a figura do técnico, apresentado como a “fera”, no sentido coloquial de quem representa alguém bom em algo, cuja autoridade é legitimada pela marca de “860 gols em 21 anos de carreira”.

Em seguida, o subtítulo da matéria também segue fazendo ponderações sobre o atual técnico do time: “o quarentão Flávio agora ensina delicadamente a doce arte do futebol brasileiro às vice-campeãs brasileiras”. Nota-se que o termo “doce arte” revela uma iniciativa de suavizar o futebol feminino, inferiorizando-o em relação ao masculino.

A matéria também destaca as “virtudes” e a habilidade da jogadora Márcia ao executar bicicletas em campo com “graça e até melhor do que profissionais com anos de carreira”, reforçando novamente a feminilidade ao invés da *competência técnica* e aspecto esportivo ao utilizar a palavra “graça” e, além disso, promover comparações entre o futebol feminino e o masculino, ao pontuar sobre a habilidade da jogadora.

Outro ponto de reflexão sobre a matéria é a abordagem da trajetória do técnico Flávio, ao confessar que preferia liderar com o time masculino, mas se “conformou” com o feminino, apesar do salário “insuficiente” de 1,5 milhão de cruzeiros mensais, recebendo, em troca, “algumas alegrias” pela evidência que este lugar o promoveu.

Na passagem em que se comenta que o time “perdeu a beleza e a graça, mas ganhou em competitividade” com a chegada do treinador Flávio, levanta um aspecto dicotômico entre “beleza” e “competitividade”, sugerindo que as mulheres só poderiam ser ou bonitas, ou boas jogadoras, mas nunca ambas.

Por fim, o enfoque dado à jogadora Bel, descrita como “bela e talentosa”, mas também “temperamental e abusada”, mostra outra perspectiva nas representações dessas jogadoras pela mídia. Neste trecho, revela-se que as jogadoras também são destacadas por sua personalidade, critérios morais e emocionais, quando o aspecto

⁴⁵ PLACAR. Edição n. 820, 10 fev. 1986.

profissional é quem deveria sobressair. Ao pontuar que a jogadora “só queria posar de modelo” além de reforçar *estereótipos*, invalidam seu comprometimento esportivo.

Ao final da matéria, observa-se que há pouca abordagem sobre a parte técnica e profissional do time e com uma frase que sintetiza de forma simbólica o preconceito de gênero que permeia a matéria: “Mulher é bom, mas Flávio precisa faturar”.

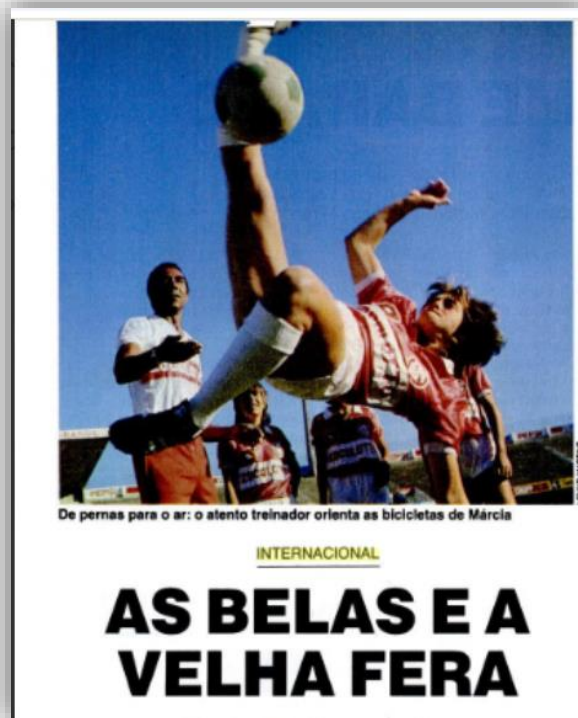


Fig. 4 - Capa da matéria “As belas e a velha fera”
 Fonte: revista *Placar*, edição nº 820 (1986).

Uma matéria na edição de nº 1115,⁴⁶ em maio de 1996, traz a volante Eduarda Luizelli, Duda, em um ensaio fotográfico, onde a jogadora posa de maneira sensual. “O mais novo ídolo da torcida do Internacional usa saias, poderia brilhar nas passarelas de moda e – como se não bastasse – ainda joga um bolão”, destaca a revista, que também apresenta suas medidas e sua trajetória no futebol italiano. Ao discutir sobre o crescimento do futebol feminino, Duda cita a beleza das jogadoras como aspecto fundamental para atrair público para os jogos. Tal aspecto está relacionado com a necessidade de retratar as mulheres pela sua beleza. Segundo Moura,⁴⁷ “há uma insistência neste tipo de reportagem, que tenta mostrar ao público leitor que, no futebol feminino, só há lugar

⁴⁶ PLACAR. Edição n. 1115, maio. 1996.

⁴⁷ MOURA. *Nos domínios do futebol feminino*, p.101.

para a mulher que cause suspiros no público masculino, não pelas jogadas de técnica e efeito, mas pelos traços atraentes e sensuais que possa ter”.

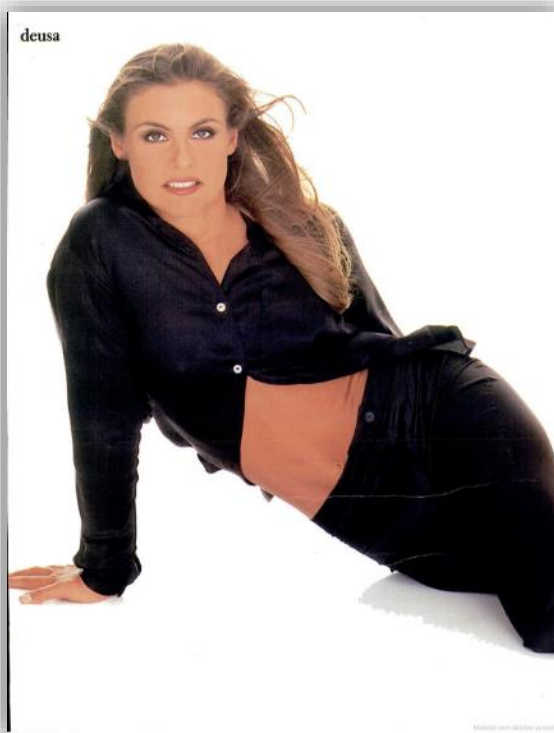


Fig. 5 - Ensaio fotográfico de Duda na matéria “*Dá-lhe, Dula!*”.
Fonte: revista *Placar*, edição nº 1115 (1996).

Ao associar Duda apenas ao embelezamento do futebol feminino, à *estética*, a revista ignora sua importância para o futebol feminino gaúcho. Durante dez anos, a atleta defendeu o time colorado, além de ter atuado na Itália e integrado a seleção brasileira. Em 1995, fundou, em parceria com o Sport Club Internacional, uma escola de futebol exclusiva para meninas, projeto que impulsionou seu nome no cenário sul-brasileiro e formou diversas jogadoras. Seu empenho e contribuição para a modalidade foram reconhecidos com o convite para atuar na Confederação Brasileira de Futebol como coordenadora do futebol feminino.

Na edição de nº 1119,⁴⁸ publicada em setembro de 1996, traz novamente a jogadora Duda em destaque. Com o título “*Novas beldades*”, a revista apresenta uma discussão sobre os avanços do futebol feminino, onde cita a possibilidade de ganhar bolsas de estudos para jogar pelas melhores universidades dos Estados Unidos. Além disso, é

⁴⁸ PLACAR. Edição n. 1119, set. 1996.

exposta a falta de uma estrutura profissional de qualidade no Brasil, onde muitas jogadoras recorrem a outras modalidades do futebol para conseguirem sobreviver.

Ao compreender a linguagem como prática social, Fairclough⁴⁹ alega que é possível identificar como os recursos linguísticos utilizados pela revista *Placar* têm efeito na reprodução de ideologias, pela forma como os discursos sobre o futebol feminino são construídos.

A linguagem utilizada pela revista passa pelas escolhas dos elementos visuais que compõem as edições, isto é, as fotos de capa escolhidas para as publicações que revelam os estereótipos de gênero, marcados, sobretudo, pela *objetificação* das jogadoras do Sport Club Internacional, além da pouca visibilidade sobre a *competência técnica* do futebol feminino reforçando, desta maneira, narrativas de que o futebol feminino é destoante e inferior ao futebol masculino

Esses pontos de reflexões podem ser observados, por exemplo, na imagem da jogadora Bel, diante do espelho, retocando o batom e usando shorts curtos, ou ainda a partir da imagem da jogadora Vandira, exibida na capa da Revista Placar, edição nº 738, em que aparece usando apenas a blusa do seu time, uma peça íntima na parte de baixo, meia e salto alto. As imagens exploram a sensualidade, *estética*, em detrimento da *competência* esportiva das jogadoras.

A partir disso, é possível verificar, conforme Fairclough, que as práticas discursivas manifestam as lutas hegemônicas que são evidenciadas nos processos de “produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos [...]”,⁵⁰ legitimando ideologias e estabelecendo relações desiguais de poder.

CONCLUSÃO

As análises das representações do futebol feminino da revista Placar se organizaram em torno de temas recorrentes como sexualização, objetificação, estereótipo, heteronormatividade, estética, e competência técnica. Termos como “beleza”, “graça”, “belas” ou “doce arte” impactam na validação do futebol feminino como profissional.

⁴⁹ FAIRCLOUGH. *Discurso e mudança social*, 2001.

⁵⁰ FAIRCLOUGH. *Discurso e mudança social*, p. 61.

As representações midiáticas analisadas, como a da jogadora Bel do Internacional, por exemplo, demonstram a tentativa sistemática de enquadrar as atletas dentro de padrões de beleza e feminilidade, como que colocando o universo estético como condição para que as mulheres pudessem se enquadrar ao universo esportivo. Ao dialogar com autoras como Joan Scott⁵¹ e Nancy Fraser,⁵² compreende-se que essa desvalorização do futebol feminino não se deu apenas no plano econômico, mas também no plano simbólico e cultural, por meio do desrespeito, da negação do reconhecimento e da limitação das possibilidades de representação das atletas como sujeitos plenos. Fraser, em especial, nos ajuda a perceber como as jogadoras enfrentaram injustiças bivalentes, que combinaram precarização (como a ausência de salários, apoio técnico ou estrutura mínima) e apagamento cultural.

Ainda, sob a perspectiva de Gayatri Spivak,⁵³ o futebol feminino ocupou um espaço subalterno no sistema esportivo nacional. Mesmo quando as jogadoras “falaram”, ou se destacaram esportivamente, seus discursos e feitos são frequentemente reconfigurados sob a lógica dominante, aquela que exigia que fossem bonitas, dóceis e decorativas. Quando tentaram romper com essas amarras e reivindicar voz própria, frequentemente foram silenciadas, rotuladas ou descredibilizadas.

Contudo, o trabalho também reconhece que essas mulheres resistem e reivindicam, seja por meio de sua presença nos gramados, de seus discursos públicos, ou mesmo através de ações simbólicas. As atletas do Internacional e de tantos outros clubes foram protagonistas de uma luta coletiva por reconhecimento e transformação.

Portanto, a análise permite refletir que a marginalização do futebol feminino não foi apenas marcada pelas representações das jogadoras femininas. Foi, sobretudo, um campo que revelou as disputas por justiça de gênero. Nessa disputa, foi necessário romper com narrativas hegemônicas, ampliar a visibilidade de vozes femininas e construir políticas públicas e culturais que não apenas permitissem, mas incentivassem a existência de um futebol verdadeiramente plural, inclusivo e justo.

⁵¹ SCOTT. *Gênero*, 1995.

⁵² FRASER. *Da redistribuição ao reconhecimento?*, 2006

⁵³ SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, 2010.

Essa perspectiva de análise contribui para ampliar a gama de trabalhos realizados na área, como demonstra a pesquisa de Fernanda Ribeiro Haag,⁵⁴ que investigou o futebol feminino por meio de sua representação na imprensa paranaense entre as décadas de 1930 e 1980. Permitindo um olhar mais crítico sobre os processos de visibilidade e silenciamento das mulheres no esporte.

Dessa forma, entende-se o futebol como um campo político onde mulheres buscaram e ainda hoje buscam, ter suas vozes ouvidas e sua presença reconhecida.⁵⁵ A maior visibilidade é essencial para garantir mais oportunidades, não apenas para as jogadoras atuais, mas também para as jovens que sonham em atuar profissionalmente.

A mobilização por um futebol feminino mais valorizado, com investimentos adequados e maior reconhecimento, reflete um desejo de mudança em um país onde o futebol está profundamente enraizado na cultura.

O objetivo não é igualar-se ao futebol masculino, mas, sim, garantir que as jogadoras sejam respeitadas, incentivadas e reconhecidas pelo que são: atletas de alto nível que merecem espaço e oportunidades justas no esporte, rompendo com estereótipos como o de que “o charme vai a campo”. Por fim, responde-se à questão levantada ao longo do trabalho: sim, o futebol de mulheres pode lutar - e luta desde suas origens.

* * *

REFERÊNCIAS

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.

⁵⁴ HAAG. Futebol feminino, a sensação do momento”: O futebol de mulheres nas páginas da imprensa paranaense (1934-1983), 2021.

⁵⁵ JANUÁRIO. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil, 2017. GOELLNER. Mulheres e futebol no brasil: descontinuidades, resistências e resiliências, 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad.: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, Associação Nacional de História - ANPUH, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-38, 2005.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. **Cadernos de campo**, USP, São Paulo, n. 14/15, p. 231-39, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-14, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Claudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 117, abr.-jun., p. 31-8, 2018.

GOMES, Leonardo do Couto; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Os primórdios do futebol feminino no Brasil: uma agenda das causas feministas. **Revista Estudos Feministas**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, Florianópolis, v. 32, n. 2, p.1-4, 2024.

HAAG, Fernanda Ribeiro. "Futebol feminino, a sensação do momento": o futebol de mulheres nas páginas da imprensa paranaense (1934-1983). **Recordes**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 1-32, 2021.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. Belo Horizonte, **FuLiA/UFMG**, v. 2, n. 1, p. 28-43, 2017.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ostras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, 2015.

LIMA, Ana Laura Eckhardt de; HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara. Sport Club Internacional: sobre o futebol de mulheres no clube do povo. **Revista Didática Sistemica**, Instituto de Educação da FURG, v. 21, n. 1, p. 85-96, 2019.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, p. 1-16, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFBA, Salvador, 2018.

MOURA, Eriberto Lessa. **Nos domínios do futebol feminino**: Rio de Janeiro e São Paulo como cenário (1913 – 2003). Maceió: Edufal, 2015.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 701, out. 1983.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 718, fev. 1984.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 726, abr. 1984.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 738, jul. 1984.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 763, jan. 1985.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 783, maio. 1985.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 820, fev. 1986.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 1115, maio. 1996.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 1119, set. 1996.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, Porto Alegre, 2016.

SALDANHA, Renato Machado. **Placar e produção de uma representação de futebol moderno**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, Porto Alegre, 2009.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Registros do futebol feminino na revista *Placar*: 30 anos de história. **Motrivivência**, Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva da UFSC, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99-113, dez. 2016.

SALVINI, Leila.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Trad. Sandra Almeida; Marcos Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 7-126, 2010.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane R.; SOUZA, Olívia Luiza P. de. Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil: narrativas do futebol feminino e algumas propostas. **Revista E-Compós**, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 28, p. 1-24, 2025.

* * *

Recebido em: 14 abr. 2025
Aprovado em: 16 jul. 2025